

ESTUDOS ANTROPOLÓGICOS EM HOMENAGEM A
EXPEDITO ARNAUD

Organizadora
Lourdes Gonçalves Furtado



EXPEDITO ARNAUD (1976)

“ARNAUD”

A distinta característica do *Museu Paraense Emílio Goeldi* é a de que, ao longo de mais de uma dúzia de dezenas de anos de existência, sempre se assentou sobre o trabalho de homens e mulheres de personalidade marcante. EXPEDITO ARNAUD é um desses baluartes, constituindo-se em parte das fundações sobre as quais se construiu o *Goeldi*.

Chegou à antropologia, pela via prática de labuta no campo, nos valerosos tempos do antigo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), hoje reduzido à paquidérmica e esquecida FUNAI. Com tal experiência, não lhe foi difícil, embora haja sido penoso, alcançar os fundamentos acadêmicos que o levaram a escrever artigos definitivos sobre alguns dos grupos indígenas da Amazônia. Seus trabalhos são reconhecidos internacionalmente e têm se feito presentes em bibliografias e citações de todas as publicações produzidas sobre a temática antropológica amazônica, escritos em qualquer idioma. Foi a relevância de seus estudos que o conduziu a Pesquisador Titular do CNPq; não como está se tornando comum na academia, um certificado qualquer de um curso de “pós-graduação” qualquer, emitido por uma universidade desconhecida, como se fosse uma carteira de habilitação.

EXPEDITO ARNAUD trilhou uma *carreira*, superando obstáculos superiores aos que se acostumou a encontrar nas sendas da floresta - dele nunca ouvi uma queixa, ao contrário dos jovens citadinos de parques conhecimentos teóricos, e nenhum prático, acostumados a serem conduzidos pelos caminhos aplainados de hoje.

Poderia, dada a fragilidade de sua saúde para enfrentar as intempéries do campo, realizar-se tão somente com os seus trabalhos passados. Pelo contrário, enfunou-se nos documentos do Arquivo do *Museu* e do *Arquivo Público do Estado*, não só ajudando a organizá-los, como, ainda, extraindo deles conclusões importantes, ao mesmo tempo em que treinava estudantes. Converteu-se em uma “*summa* *ethnológica*” viva, um consultor sempre pronto a oferecer respostas racionais; não as emocionais, sem base científica. Assim, tornou-se respeitado, tanto por seus colegas, como pela comunidade indígena. Na contemporaneidade das “estrelas”, seus grandes defeitos são a sua modéstia e, por vezes, a sua timidez acadêmica, que o inibem de contestar inferências intempestivas de colegas em público. Só em seus trabalhos e na intimidade de seu gabinete é que deixa fluir livremente seus conhecimentos.

Porém, este não é um prefácio a um volume em homenagem a um “velho” antropólogo - uma festa animada a carimbó provavelmente estaria mais ao gosto dele. Aí sim, sua enorme vitalidade faria sombra aos jovens que pauperizam cultura sem tê-la e discutem sua preservação sem estudá-la e sem entenderem usufruí-la. Cultura é bem de consumo, não de capitalização sovina. EXPEDITO ARNAUD foi absorvido no patrimônio cultural brasileiro, tornando-se parte integrante dele e, sem alarde, cumpre seu papel de conservá-lo vivo e útil e disponível.

Galardoado com a Comenda do Grão Pará, pelo Governador Jader Fontenelle Barbalho, EXPEDITO ARNAUD foi reconhecido como um *cidadão* de múltiplos méritos em seu próprio Estado. Esta coleção de trabalhos científicos escritos em sua homenagem, por pesquisadores renomados, traduz o reconhecimento como *cientista*. A fraterna amizade que todos lhe dedicamos é um constante reconhecimento ao *homem*. Creio que fica, assim, registrada a magnitude dessa pessoa singela e singular, além de contribuir a ratificá-lo grande, como merece, dentre os antropólogos brasileiros.

Guilherme M. de La Penha, Ph. D.

Pesquisador Titular do CNPq
ex-Diretor Geral do MPEG/CNPq
Secretário de Estado da Cultura do Pará

Nota Póstuma: 13 de dezembro de 1992, era domingo e fazia sol; Expedito se foi sem avisar nada a ninguém; até na morte usou de discrição. Sequer chegou a saber desta homenagem que lhe prestaria o Museu Goeldi. Agora, segundo a tradição indígena, virou estrela do firmamento; um ponto fixo que certamente servirá de referencial ainda a gerações de antropólogos; no Goeldi deixou as lembranças viva de um abnegado.

EXPEDITO ARNAUD OU UM POUCO DA HISTÓRIA DO MUSEU GOELDI

Lourdes Gonçalves Furtado¹

Em “Talento e Atitude: Estudos biográficos do Museu Emílio Goeldi”, Osvaldo Rodrigues da Cunha, insigne herpetólogo desta centenária casa de ciência, abre a descrição da vida e obra de cientistas que passaram pelo Goeldi, com um pensamento de Will Durant: “A verdadeira história do homem não está nos preços e salários, nem em eleições e batalhas, nem no nível de vida do homem comum; está nas duradouras contribuições dos gênios para a soma da civilização e da cultura humana”. Tal pensamento se faz proscênio para a apresentação da trajetória científica do Antropólogo Expedito Arnaud, a quem é dedicado este volume como forma de reconhecimento aos seus mais de trinta anos de serviços prestados à ciência antropológica, às sociedades indígenas e ao conhecimento de diferentes culturas nativas do universo amazônico.

Incumbiram-me de escrever sobre seus dados biográficos, tarefa esta que teria sido um pouco difícil para mim se não fosse o convívio de vinte e cinco anos com este antropólogo no Museu Paraense Emílio Goeldi, particularmente no Departamento de Ciências Humanas, de quem recebi inúmeras contribuições para meu ofício de antropólogo, desde o momento, em 1967, quando, como estagiária da então Divisão de Antropologia, liderada por Eduardo Galvão, tive a oportunidade de discutir minhas intenções de pesquisa, preparar-lhe fichas bibliográficas, datilografar textos de grande valor para o conhecimento de um aprendiz de Antropologia. Essa incumbência, sem dúvida, não poderia ser dispensada ou transferida, pois consiste uma troca simbólica nessa cadeia de mutualidades que construímos ao longo destes anos.

Expedito Coelho Arnaud, conhecido nacional e internacionalmente

¹ Pesquisador Titular CNPq/MPEG-DCH

como Expedito Arnaud, nasceu em Belém do Pará em 27 de novembro de 1916. Filho de Caetano Monteiro Arnaud e de Luzia Coelho Arnaud, possui hoje um curriculum-vitae que chega a atingir mais de vinte páginas ilustrativas de uma vida dedicada ao conhecimento da região.

Seus estudos secundários foram realizados na antiga Escola Prática de Comércio do Pará, então localizada na Travessa Campos Salles, entre 13 de Maio e Manoel Barata. Por ela formou-se em Contabilidade em 1934. Já nessa época Expedito Arnaud demonstrava sua tenacidade em buscar novos conhecimentos, aperfeiçoar sua qualificação, pois, logo após sua formatura como Contabilista, procurou professores especializados na matéria em seus vários campos, para conseguir estágio, e o conseguiu, tendo em vista ingressar na profissão. Entretanto, nessa fase, conta-nos Expedito Arnaud "a grave crise econômico-financeira que atingia a Amazônia, ocasionada sobretudo pela queda acentuada do preço da borracha, as possibilidades de um emprego de nível médio no comércio, na indústria ou na reduzida rede bancária, eram bem difíceis". Em consequência, seu denodo lhe fez descobrir estratégias de superação desses óbices. Sem possibilidade de obter qualquer ocupação que lhe desse pelo menos uma razoável perspectiva futura, não desistia de procurar ampliar seus conhecimentos através de leituras variadas sobre literatura, geografia, filosofia, música e, sobretudo história. Enquanto isso Expedito Arnaud passou a procurar, de forma obstinada, tornar-se um funcionário público, particularmente no âmbito federal, chegando até a recusar certas ocupações que lhe ofereciam, embora tivesse que enfrentar situações adversas.

Pensou em ingressar na então Faculdade de Direito. Constatou, porém, que essa idéia não poderia ser viabilizada em virtude de não ser permitido, na época, o ingresso de alunos formados por escolas profissionais como a em que havia se diplomado. Os concursos públicos raramente aconteciam e dentre os aprovados somente poucos eram admitidos.

Não desistindo de seu desiderato, após oito anos de tentativas, conseguiu em 1942 ingressar na esfera do funcionalismo federal como Auxiliar de Sede da 2ª Inspeção Regional do Serviço de Proteção aos Índios (SPI), do Ministério da Agricultura. Essa Inspeção era então chefiada por José Maria da Gama Malcher o qual, em 1951, assumiu a Direção do Órgão, tornando-se um de seus mais destacados dirigentes, enfatiza Expedito Arnaud. O pesquisador permanece nessa função até 1943.

Nesse período o SPI passava por uma fase de reorganização no Ministério da Agricultura a cujo âmbito havia retornado em 1939, após

um afastamento de aproximadamente dez anos em que esteve subordinado ao Ministério do Trabalho e da Guerra, no qual foi relegado a um quase completo abandono. Entrementes foi criado o Conselho Nacional de Proteção aos Índios (CNPI) para estudar de modo geral todas as questões relacionadas à assistência e proteção aos índios, seus costumes e línguas. Em 1942 foi criada a Seção de Estudos (SE) destinada a estudar, sob o ponto de vista geográfico e econômico, as regiões imemorialmente habitadas por índios, enfatizando suas origens, línguas, tradições, etc.; cooperar com o Museu Nacional nos estudos etnográficos; criar um Museu na sede do Órgão e mostruários nas Inspetorias Regionais e, conseqüentemente divulgar os resultados alcançados. Foi aí que Expedito Arnaud teve aberto o seu caminho para exercer seu ofício de antropólogo com o qual chegou à aposentadoria, em 1991, no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Museu Paraense Emílio Goeldi.

No SPI Arnaud ficou inicialmente responsável pelo setor de contabilidade da 2ª Inspetoria Regional, entretanto pouco a pouco foi assumindo o controle de todas as atividades administrativas daquela Instituição. Nessa época travou contato com Curt Nimuendaju o qual, durante suas freqüentes permanências em Belém, costumava visitar aquela Inspetoria. Cooperou Nimuendaju com José Maria da Gama Malcher na montagem de um mostruário de artefatos indígenas e supervisionou a confecção de um mapa etnográfico das tribos indígenas existentes no Pará.

Em decorrência do manuseio constante de farta documentação sobre índios da Amazônia, a convivência constante com Sertanistas, Agentes de Postos Indígenas e índios de vários grupos, Expedito Arnaud foi se familiarizando com a complexidade dos problemas indígenas.

Embora já vivendo num clima de indigenismo, Arnaud não imaginava ainda enveredar pelos meandros da pesquisa científica no campo etnológico, mas, a cada passo, seus conhecimentos se ampliavam e se diversificavam com o contato direto com Postos Indígenas e índios. No SPI continuava ascendendo funcionalmente. Em 1943 passa a Inspetor Referência XII e no período entre 1944-1957 vai a Chefe Substituto da 2ª Inspetoria Regional. Somente em 1948 é tocado pelo desejo de ingressar na pesquisa etnológica quando se associou ao recém-fundado Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará que durante vários anos funcionou provisoriamente na Biblioteca do Museu Paraense Emílio Goeldi, atual Biblioteca Clara Galvão. Associou-se por indicação de Eurico Fernandes que no momento chefiava a 2ª Inspetoria Regional do

SPI. Como sócio, freqüentava semanalmente as suas reuniões. Foi lá e nessas reuniões semanais que assistiu a conferências de Alfred Mettraux, Charles Wagley, Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro, Max Boudin, Herbert Baldus, Helena Palmatary, Haroldo Schltz, Nunes Pereira, Frederico Barata, Orlando Bordallo da Silva, Machado Coelho e outros, as quais foram despertando seu interesse pela Etnologia.

Em 1951 atuou como Secretário de uma Comissão de Estudos chamada Comissão de Estudos e Planejamento do Problema do Índio no Pará, proposta pelo então Governo do Estado, para cooperar com o SPI na elaboração de planos de ação para aperfeiçoamento e desenvolvimento de trabalhos de atração dos grupos tribais hostis que estavam entrando em choques freqüentes com as frentes extrativistas regionais de borracha e castanha-do-pará. Após essa participação, com base em estudos prévios de Darcy Ribeiro, Arnaud passou a elaborar planos de trabalho que eram endereçados por sua Inspeção à Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), na tentativa de conseguir recursos financeiros para os trabalhos de atração indígena e para desenvolvimento de programas junto aos grupos que iam sendo pacificados. *Pari passum* começou a efetuar expedições periódicas nos Postos Indígenas do Pará e Amapá, onde pôde travar contato direto tanto com grupos tribais já em processo de integração à sociedade nacional, como por exemplo: os Galibi, Karipuna e Palikur, quanto com outros ainda arredios, como os Assurini do Tocantins (grupo Akuáwa), Parakanan e Gavião.

Em 1957 representou o SPI junto à SPVEA. Em 1962 foi reclassificado como Agente de Proteção aos Índios.

A vinda do antropólogo Eduardo Galvão para o Museu Paraense Emílio Goeldi marcou efetivamente a carreira antropológica de Expedito Arnaud. Convidado por ele em 1959, Arnaud começou a estagiar na Divisão de Antropologia do Goeldi, sob sua orientação. Ao mesmo tempo, freqüentava, como aluno ouvinte, o curso de Etnografia e Língua Tupi, do Curso de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal do Pará, ministrado por Eduardo Galvão até 1960 e depois por Napoleão Figueiredo. Intercaladamente, com base nos conhecimentos que ia adquirindo, começou a fazer observações etnológicas no decorrer das inspeções levadas a efeito nos Postos Indígenas. Com o material coletado pôde redigir três artigos preliminares: "Breve informação sobre os índios Assurini e Parakanan", publicado em 1961 no Boletim do Museu Goeldi; "A terminologia de parentesco dos índios Assurini", publicado em 1963 na Revista do Museu Paulista e o

outro, “Notícia sobre os Gaviões de Oeste”, também publicado no Boletim do Museu Goeldi em 1964.

Por volta de 1960 foi convidado para chefiar a 1ª Inspetoria Regional do SPI, com sede em Manaus, pela Presidência do Órgão, porém declinou do convite por preferir continuar estagiando no Museu Goeldi, com Eduardo Galvão.

Em razão do aludido estágio e dos artigos anteriormente publicados, foi contemplado, em 1963, com uma Bolsa de Aperfeiçoamento do CNPq, que lhe foi concedida com base na solicitação e parecer de Eduardo Galvão. Nesse parecer Galvão dizia que o candidato, embora não possuísse uma formação universitária regular, possuía não só conhecimentos quanto experiências para fazer juz à bolsa e que, por outro lado, tratava-se de uma pessoa da região que pretendia integrar-se no Quadro do Museu Paraense Emílio Goeldi.

Em 1965 o SPI coloca Expedito Arnaud à disposição do Museu Goeldi, com dedicação exclusiva. Esse fato e o seu excelente desempenho na Divisão de Antropologia lhe permitiram posteriormente usufruir Bolsas de Pesquisa. Nesse mesmo ano participou de um grupo de trabalho criado pelo Ministério da Agricultura, para promover a reestruturação do SPI. Em 1970 é reclassificado como Inspetor de Índios 12-A, cargo em que ficou até 1971, quando, pelo Decreto Federal nº 69.376 de 19.10.71, foi redistribuído para o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA) com exercício no Museu Goeldi, como aconteceu com outros colegas, naquela época.

Em 1975 quando houve a reestruturação do CNPq, passando a chamar-se Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Expedito Arnaud foi reclassificado como Pesquisador Assistente no Quadro Especial de Pesquisadores (QEP) dessa Instituição e, em 1985, o foi novamente como Pesquisador Associado. Em 1988 chegou ao cargo de Pesquisador Titular, reconhecido pelo CTC (Conselho Técnico e Científico) do Museu Goeldi, por seu notório saber.

Sua formação intelectual no campo da Antropologia deveu-se também aos cursos realizados na Universidade Federal do Pará tais como: Curso de Extensão em Etnologia Lingüística da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras em 1961 e, nessa mesma Faculdade, fez o curso de Extensão Universitária em Etnologia e Arqueologia da Amazônia, no ano seguinte. No Museu Goeldi, além do estágio de aperfeiçoamento em Antropologia com Eduardo Galvão, fez um treinamento em Chefia e Liderança, promovido pelo CNPq, em 1977.

No campo administrativo, no Museu Paraense Emílio Goeldi chefiou a Seção de Antropologia no período de 1976 a 1978. Entre 1985 e 1988, foi Chefe Substituto do Departamento de Ciências Humanas (DCH).

Expedito Arnaud antes de exercer a função de Pesquisador *strictu sensu* foi contemplado com seis bolsas sendo: 1 de Aperfeiçoamento (1963-1965), 1 de Pesquisador Assistente (1966-1967), 1 de Pesquisador Auxiliar (1968-1969) e 3 de Pesquisador Adjunto (C de 1970-1971, B de 1972-1974 e A em 1975). A partir desse ano passou ao Quadro funcional do Museu Goeldi.

No âmbito das atividades de ensino e orientação, seu *curriculum-vitae* revela competência e sólido saber. Em 1964 o Museu Goeldi organizou um Curso Básico de Antropologia do qual foi o Secretário. Em 1968 ministrou o Curso de Aculturação e Integração de Agentes Pastorais, promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB-Região Norte. Atuou como Professor e Debatedor no II Curso sobre esse tema, promovido por essa entidade, em 1972. Coordenou o Estágio Básico de Aperfeiçoamento em Antropologia Social no Museu Goeldi no período de 1976-1979. Orientou Auxiliares Técnicos e Assistentes de Pesquisa na Seção de Antropologia do Departamento de Ciências Humanas do Goeldi. Participou do GT/FUNAI Transamazônica, criado pela Presidência dessa instituição federal e, como membro, fez recomendações e orientações para planos de trabalho sobre a ação indigenista na Amazônia. Essa missão foi desempenhada entre 1970 e 1971. Foi expositor e debatedor no Curso de Indigenismo realizado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI), efetuado em Ananindeua, Pará, em 1977. Constituiu a banca examinadora do Concurso promovido pela 2ª Delegacia Regional da FUNAI, na Semana do Índio, de 1978, sobre o tema "O índio brasileiro: o que você pensa dele; a influência da cultura indígena sobre o sistema sócio-cultural brasileiro". Participou como expositor, debatedor e dirigente da "Comissão IX-Saúde no I Encontro Parakanan-Tucuruí" realizado pela FUNAI, tendo em vista a elaboração de diretrizes para o deslocamento dos referidos índios. Em 1985 ministrou o curso sobre "A história dos índios da Amazônia", realizado pela Prelazia de Tefé, na cidade de Manacapuru, no Estado do Amazonas.

Além destas atividades, a trajetória científica de Expedito Arnaud é marcada por outros fatos importantes, dentre os quais citam-se: revisão e identificação de textos e estampas da obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, em colaboração com Eduardo Galvão, destinados à publicação pelo Conselho Federal de Cultura; conferência pronunciada sobre "A política indigenista brasileira", na 1ª Semana de Antropologia, promovi-

da pelo Centro de Estudos Universitários da Universidade Federal do Pará (1974); participação no 1º Seminário de Avaliação do Plano de Desenvolvimento da Grande Belém, promovido pela CODEM (1975); participação ativa nos debates promovidos pela FUNAI e Projeto RADAM sobre a demarcação das áreas indígenas do Pará e Território Federal do Amapá (1976); palestras sobre o antigo e o novo estatuto do índio; os índios Palikur do rio Urucauá, Kaiapó-Gorotire do Sul do Pará.

Participou, enfim, de cerca de vinte Reuniões Científicas apresentando Comunicações e Trabalhos de grande valor científico para o conhecimento do universo indígena na Amazônia. Realizou mais de trinta pesquisas de campo entre grupos indígenas amazônicos, dentre os quais citamos os índios Assurini, os grupos Tupi do Tocantins, Mirânia, Palikur, índios Tembé do Alto Guamá, Kaiapó, índios do Alto Xingu (Mato Grosso), Munduruku, Gavião de Oeste (Parakateyê-Kuikateyê), Anambé-Turiwara do rio Cairari-Moju, Parakanan (Figura 1), Galibi do rio Uaçá, Karipuna, Oyampik e Emerilon do rio Oiapoque, Canelas (Ramkokamekra), Xipaya e Karuaya da região do rio Xingu.

Emitiu Pareceres Antropológicos referentes à realidade de grupos indígenas brasileiros tais como: Kayabi do rio dos Peixes, Gaviões do Oeste, Txukahamãe, Cinta-Larga, Bororo e Xavante.

Foi membro do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará. Atualmente pertence à Associação Brasileira de Antropologia e Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência.

O mérito de Expedito Arnaud lhe proporcionou receber distinções e honrarias dentre as quais destacam-se: *Diploma de Honra ao Mérito*, por sua eficiente cooperação à pesquisa científica na Amazônia, conferida pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA), em 1978. *Medalha de Honra ao Mérito*, em homenagem pelos 11 anos de serviços prestados ao Museu Paraense Emílio Goeldi, em 1973. *Medalha Comemorativa dos 120 anos do Museu Paraense Emílio Goeldi*, 1986. *Medalha Marechal Cândido Rondon*, conferida pela Sociedade Geográfica Brasileira, em 1987. *Medalha conferida pelo Departamento de Ciências Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi*, como reconhecimento pela dedicação e contribuição aos estudos indígenas e atuação como Chefe Substituto desse Departamento, em 1988. *Diploma de Pesquisador Emérito do Museu Paraense Emílio Goeldi*, conferido pelo Conselho Técnico-Científico (CTC), dessa instituição, em 1988. *Título de Honra ao Mérito*, conferido pela Câmara Municipal de Belém, pelos bons serviços prestados ao Município, em 1991.

Recebeu o *Grau de Comendador* pela Ordem do Mérito Grão-Pará (Figura 2), segundo o Decreto Estadual nº 358 de 02 de outubro de 1991, o que vem coroar o insigne pesquisador que, com sua modéstia, denodo e humildade intelectual, lega à *intelligentíssima*, à comunidade amazônica e à nova geração de pesquisadores da sociedade regional, um rico patrimônio científico, expresso nas publicações elaboradas febrilmente no silêncio de seu gabinete de trabalho, do nascer ao pôr-do-sol ou mesmo na quietude das ante-manhãs. Ainda que a aposentadoria lhe chegasse, o vigor intelectual de Expedito Arnaud, a ânsia de descobrir novos conhecimentos e de contribuir para a solução de problemas das sociedades indígenas da Amazônia não o afastou das leituras, dos seminários, do gabinete e de sua máquina de escrever. A trajetória continua! Presentemente, desfruta de uma bolsa de pesquisador visitante que lhe foi concedida pelo CNPq, graças à iniciativa tomada pelo Departamento de Ciências Humanas do Museu Emílio Goeldi.

O elenco das publicações que compõem a obra de Expedito Arnaud, expostas a seguir, afinal, podem servir para ilustrar uma parte da história da Antropologia na Amazônia e no Brasil.

1961. Breves informações sobre os índios Assurini e Parakanan, Tocantins - Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (11):1-22.
1963. A terminologia de Parentesco dos índios Assurini. *Rev. Mus. Paul.*, nova ser., 14:105-119.
1964. Notícias sobre os índios Gaviões do Oeste, Tocantins - Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (20):1-35, il.
1966. *Grupo Tupi do Tocantins*. Sumário. Belém, Imprensa Universitária, 1 p.
1966. Os índios Galibi do Rio Oiapoque - Tradição e Mudança. *Vol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (30):52, il.
1967. Grupo Tupi do Tocantins. SIMPÓSIO SOBRE A BIOTA AMAZÔNICA. Atas, 2:55-68.
1968. O parentesco entre os índios Galibi do Oiapoque. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (33):1-11, il.
1969. Os índios da região do Uaçá e a proteção oficial brasileira. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, 40:37, il. mapa.

1969. Notícias sobre os índios Anambé. Rio Cairari. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (42):1-11, il. mapa. Co-autoria de Eduardo Galvão.
1970. O xamanismo entre os índios da região do Uaçá. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (44):1-22, il.
1971. Os índios Oyampik e Emerilon, Rio Oiapoque - Referências sobre o passado e o presente. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (47):1-49, il.
1971. A proteção oficial junto aos índios do Uaçá. In: ANTROPOLOGIA e Cultura Amazônica. Cultura, p. 109-119.
1971. A ação indigenista no Sul do Pará (1940-1970). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (49):1-25.
1973. O Serviço de Proteção aos Índios - Normas e Implicações - O Museu Goeldi no ano do sequiscentenário. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emílio Goeldi.* Belém, (20):71.
1973. Aspectos da legislação sobre os índios do Brasil. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emílio Goeldi.* Belém, (22):44.
1974. A extinção dos índios Kararaô, Baixo Xingu, Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (53):1-19.
1974. Os índios Munduruku e o Serviço de Proteção aos Índios. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (54):1-60, mapa.
1975. Os índios Gaviões de Oeste - Pacificação e Integração. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emílio Goeldi.* Belém, (28):86, il. mapa.
1975. A legislação indígena no período imperial. *Inf. FUNAI.* Brasília, (14):62-66.
1975. A terminologia de parentesco entre os índios Galibi e outros grupos Karib. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (60):1-18.
1975. A terminologia de parentesco dos índios Gaviões de Oeste (Parkateyê), Tocantins - Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (63):1-15.
1976. Aripuanã - Relatório de Excursão. *Rev. Teor. Debate Inf.*, 1:82-111.
1976. Áreas e populações indígenas do Território do Amapá e Estado do Pará. In: *TDI. Teoria, Debate e Informação; Revista da Associação Regional dos Sociólogos do Pará.* 2:47-74.
1976. Aripuanã - Considerações preliminares. *Acta Amazôn.*, Manaus, 4(4):11-32.
1976. Costumes e crenças dos índios Galibi. *Província do Pará*, Belém.
1977. O sistema de parentesco dos índios Palikur. *Província do Pará*, Belém.
1978. Estudos de antropologia na Amazônia - A contribuição do Museu Paraense Emílio Goeldi. *Província do Pará*, Belém.

1978. Os índios Oyampik e Emerilon - Notícia histórica. *Província do Pará*, Belém.
1978. Os Munduruku - índios caçadores de cabeça. *Província do Pará*, Belém.
1978. Notícia sobre os índios Araweté. Rio Xingu, Pará. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém (71):1-20.
1979. O índio e a legislação pombalina. *Província do Pará*, Belém.
1981. Os estudos de Antropologia do Museu Goeldi. *Acta Amazôn.*, Manaus, (111):137-148. suplemento.
1981. Os índios Mirânia e a expansão luso-brasileira (Médio Solimões). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (81):1-48, il.
1981. O Protestantismo entre os índios Palikur no rio Urucaú - Notícia preliminar. *Rev. Antropol.*, São Paulo, (25):99-102.
1981. O direito indígena e a ocupação territorial - O caso dos índios Tembé do Alto Guamá. *Rev. Mus. Paul., nova ser.*, São Paulo, (28):221-233.
1982. Mudanças entre grupos indígenas Tupi da região do Tocantins - Xingu (Bacia Amazônica). *INTERNATIONAL CONGRESS OF AMERICANISTS*, 44:470. Abstract.
1983. Mudanças entre grupos indígenas Tupi da região do Tocantins - Xingu (Bacia Amazônica). *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, (84):1-50, il.
1983. Os Tukuna. In: *Cultura Indígena*, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, p. 79-87.
1984. O comportamento dos índios Gaviões de Peste face à Sociedade Nacional. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi, nova ser., Antropol.*, Belém, 1(1):5-66, il.
1984. Os índios da Amazônia e a legislação pombalina. *Bol. Pesqui. CEDEAM*, Manaus, 3(4):75-84, jan./jul.
1984. Os índios Palikur - Tradição tribal e Protestantismo. *Publ. Avulsas Mus. Para. Emílio Goeldi*, Belém, (39):82, il.
1985. A Legislação sobre os índios do Grão-Pará e do Maranhão no Século XVII e XVIII. *Bol. Pesqui. CEDEAM*, Manaus, 4(6).
1987. A ocupação indígena no Alto Rio Xingu (Mato Grosso). *Bol. Pesqui. CEDEAM*, Manaus, 6(10):125-159.
1987. A expansão dos índios Kayapó-Gorotire e a ocupação nacional (Região Sul do Pará). *Rev. Mus. Paul.*
1988. Histórico do Serviço de Proteção aos índios - Informação preliminar. *Revind. Budapest* (Hungria), 2:51-57.
1989. Os índios do Brasil e a Legislação. *Bol. Rotary Club Belém-Noroeste*. Belém, 8(6):3.
1989. *O índio e a expansão nacional*. Belém, CEJUP.



Figura 1. Expedito Arnaud no interior de uma maloca (índios Parakanan - 1975)



Figura 2. Solenidade dos festejos dos 125 anos do Museu Paraense Emílio Goeldi - CNPq. Expedito Arnaud é condecorado pelo Governador do Estado do Pará, Dr. Jader Fontenelle Barbalho, com a Ordem do Grão-Pará, no grau de Comendador.